

Economista defende dólar a R\$ 1,70

Para o professor da PUC Luiz Roberto Cunha, valor é condição para baixa inflação e não-indexação

SUZANA SANTOS

RIO — A concretização de um cenário de inflação abaixo de 15% e de não-indexação da economia exige recessão profunda e o recuo da cotação do dólar a um nível de, pelo menos, R\$ 1,70 até, no máximo, início de abril, na opinião do economista e professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC) Luiz Roberto Cunha. Ele explicou que as duas variáveis segurarão os preços e vão criar uma perspectiva de reversão do desaquecimento a partir do segundo semestre.

Para o economista, os riscos de pressões inflacionárias insustentáveis e da volta da indexação da economia estão atrelados à demora do recuo do preço do dólar, como ocorreu nos países do Sudeste Asiático. Cu-

nha ressaltou que se a cotação da moeda norte-americana ficar acima de R\$ 1,90 por mais quatro meses será inevitável a indexação e retorno da inflação em níveis muito acima dos 15% previstos pelos especialistas.

Esse segundo cenário não é o mais provável para o economista, apesar de haver um risco concreto. Os juros reais altos já criam, para Cunha, a base para o cenário de recessão profunda, que freia a pressão por aumento de preços. Ele lembrou que a recessão é um sacrifício menor que a volta da inflação e da indexação, que provocam prejuízos muito mais graves para a sociedade, como a perda da noção de valores reais.

Para o especialista, existem argumentos que favorecem o controle das pressões sobre a cotação do dólar como, por exemplo, o fato de estar previsto o fechamento do

acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que deve garantir a entrada de cerca de US\$ 9 bilhões no País. Esse acordo promove também um clima de maior tranquilidade nos mercados, diz.

O economista lembrou ainda que é esperado o retorno de linhas de crédito de bancos estrangeiros para o refinanciamento de empréstimos aos importadores brasileiros, que têm vencimentos previstos para o decorrer deste ano. Cunha lembrou que a rolagem desses financiamentos, que devem somar mais de US\$ 30 bilhões só em amortizações, é fundamental para evitar pressões sobre o câmbio. A liquidação desses empréstimos dificulta-

ria o recuo da moeda norte-americana, afirmou.

Pelo lado das exportações, a tendência é de que os resultados positivos na balança comercial apareçam a partir

de meados de março com a venda dos produtos agrícolas. Outro fato positivo citado pelo economista é a não existência de problemas com instituições financeiras no País e com a saúde do setor produtivo e empresarial, diferentemente do que ocorreu no Sudeste Asiático e dificultou a retomada da estabilidade e o recuo do dólar.

O economista destacou também a atuação firme do Banco Central, ditando regras para o mercado. Cunha lembrou que criá-se, a partir daí, um clima de tranquilidade. Outra questão levantada por Cunha é a perspectiva de retomada das privatizações. Ele acredita que esses negócios atraem investimentos estrangeiros e, conseqüentemente, dólares entram no País, reduzindo as pressões sobre o câmbio.

A concretização da pior das hipóteses, porém, não deve ser vista como o fim do poço para o Brasil, disse. "O Brasil não vai quebrar." O que pode acontecer é a volta da indexação, para evitar quebra de contratos, e o controle da inflação bem mais elevada.

VOLTA
DO CRÉDITO
EXTERNO ALIVIA
A PRESSÃO